

A quarta-feira, 24 de outubro de 1917, era mais um dia comum para os moradores do Rio de Janeiro. Por volta do meio-dia, o delegado do 13º distrito foi chamado a atender uma ocorrência inusitada: sentado em um muro, com os pés voltados para dentro de um quintal, o cidadão Francisco Leite tentava pescar — sim, o verbo é este — uma galinha. Com um grão de milho espetado em um anzol, balançava a isca com um caniço, tentando atrair alguma ave desavisada. Preso em flagrante, Francisco foi levado ao distrito.

Se a capital brasileira conseguia achar graça de suas banalidades cotidianas, do outro lado do Atlântico não havia motivos para sorrir. Havia mais de três anos, a Europa vivia o maior conflito bélico da história, batizado como a Grande Guerra, pelo fato de sua mortandade ultrapassar em muitos milhões o número de vítimas de embates armados anteriores. E o coração do planeta sangrava sem parar.

A aplicação da revolução industrial à lógica armamentista contribuía decisivamente para a hemorragia do Velho Continente. Diferentemente de épocas passadas, quando os conflitos eram travados homem a homem, com algum cavalheirismo e ética, na Grande Guerra os efeitos das novas armas eram superlativos. E o inimigo podia ser um simples ponto no horizonte, e não mais um soldado que se aproximava na direção contrária – a pé ou a cavalo. De uma só vez, as armas modernas derrubavam dezenas de homens – os canhões respondiam por sete em cada 10 mortes nas batalhas. Mais do que nunca, o uso da expressão máquina de guerra fazia sentido.

Embora baionetas ainda sibilassem nos metros que separavam as trincheiras entre ingleses, franceses, alemães, austro-húngaros, russos, belgas, holandeses, turcos, italianos, indianos, australianos, sérvios, canadenses, gregos, montenegrinos, albaneses, búlgaros, japoneses, romenos e os recém-chegados norte-americanos, na Grande Guerra os tradicionais combates corpo a corpo – com espadas, lanças e garruchas – foram abandonados. Os armamentos eram muito mais letais do que os da Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), que terminou com a conquista do território francês da Alsácia-Lorena pelos germânicos, e ainda muito mais mortais do que as distantes Guerras Napoleônicas.

O próprio caráter industrial da guerra impunha aos beligerantes limites éticos e humanitários cada vez menores. Enquanto os homens lutavam, suas esposas dirigiam bondes, ônibus e até trens e fabricavam desde uniformes a aviões, passando por projéteis e canhões e todo o tipo de armamentos, o que, do ponto de vista militar, acabava por justificar o ataque indiscriminado às cidades e às suas instalações industriais. O inimigo não era apenas o homem que empunhava armas, mas qualquer pessoa que contribuísse para a indústria bélica. E, assim, as maiores cidades dos países em

guerra, repletas de mulheres, crianças, idosos e civis, tornaram-se alvos de seguidos ataques aéreos.

O conflito se espalhava por toda a Europa, mas ganhava contornos singulares na Bélgica e no nordeste de França, onde ingleses, franceses e americanos – em sua grande maioria – ocupavam trincheiras ao longo de mais de 600 quilômetros, separados por dezenas de metros dos alemães e austro-húngaros, também entrincheirados. Entre os contendores, apenas crateras de bombas, mortos insepultos, lama e arame farpado retorcido. No ar pestilento sobre as trincheiras, os soldados conviviam com o cheiro da morte, a saudade de casa, os piolhos e o medo de acabar em uma cova rasa, raramente com direito a alguma solenidade. Para completar, dormiam e alimentavam-se em meio a cadáveres putrefatos e milhões de ratos e ratazanas, que percorriam os terrenos ensanguentados em busca de comida. Incrível e curiosamente, apesar da guerra em larga escala, avanços de dezenas ou centenas de metros eram comemorados como grandes vitórias.

A cada dia, mais e mais combatentes chegavam à Europa de navio, trazidos das colônias europeias na África e na Ásia. Só a Índia forneceu à Inglaterra cerca de 1,75 milhão de homens. Sem saber a razão por que precisavam lutar, os soldados coloniais tinham tanto medo da morte quanto de se tornarem escravos.

Como se não bastassem os revólveres, fuzis e baionetas, a metralhadora – metáfora em metal da industrialização da morte – e as armas de grande destruição (como canhões de longo alcance, obuses, morteiros e granadas) ampliavam a sensação de que morrer era um verbo a ser conjugado no plural – o anjo da morte agora chegava ao mesmo tempo para todos os que estivessem ao alcance de qualquer dessas “maravilhas” construídas pela inteligência humana.

Paradoxalmente, as metralhadoras serviam de forma ainda mais eficiente quando empregadas na defesa de posições do que

no ataque às trincheiras inimigas. Dispostas em "ninhos" bem protegidos, elas varriam o terreno por onde os inimigos avançavam, deixando pilhas de mortos. Escondidos em pequenas tocas, os seus operadores dificilmente eram atingidos. Embora ainda presente no front, a cavalaria armada com lanças e a artilharia movida a carroça perdiam espaço para armas de fogo cada vez mais poderosas.

Na linha de frente, além de inimigos como fome, frio, fadiga, escorbuto, tifo, pneumonia e disenteria, os ingleses e franceses enfrentavam o terror dos lança-chamas, canhões de nitrogênio comprimido que espargiam jatos de óleo inflamável a grandes distâncias, transformando os inimigos em tochas humanas instantaneamente.

A capacidade de inovação da indústria bélica germânica, aliás, parecia não ter limites. Dois anos antes, os alemães inauguraram um novo tipo de combate: a guerra química. Em 22 de abril de 1915, mais de 5.700 cilindros de gás cloro foram usados contra as tropas francesas em Ypres. A nuvem verde espalhada sobre as trincheiras inimigas causou o sufocamento de centenas de oficiais e soldados. Dois dias depois, usando máscaras improvisadas com lenços, ataduras e toalhas embebidos em água ou urina, os franceses tentaram fazer frente à ofensiva alemã. Mas, tecnicamente despreparados para o ataque químico, viram-se obrigados a bater em retirada.

Em 1917, os alemães introduziram no front outra inovação letal: o gás mostarda. Lançada a longas distâncias pelas unidades de artilharia, a arma invisível causava edema pulmonar, irritação e queimaduras na pele, além de resultar em cegueira, em muitos casos.

Dos dois lados, a busca de novas tecnologias e armas de combate introduziu, desde o período pré-guerra, uma infinidade de aplicações cada vez mais mortais nos campos de batalha. E a engenharia da morte prosperava.

Do lado inglês, o maior trunfo na Grande Guerra era o *tank*. Veículo motorizado com carcaça de metal blindada, capaz de resistir ao fogo de artilharia, essa fortaleza sobre esteiras era a grande

esperança de vitória dos britânicos, apesar da baixa velocidade – o primeiro modelo, de 1915, atingia paquidérmicos quatro quilômetros por hora – e das dificuldades que enfrentava em alguns tipos de terreno. Utilizado na batalha do Somme, em 1916, o *tank* também não chegou a ter papel de destaque. Mas esperava-se que, até o fim da guerra, sua contribuição fosse maior e mais decisiva.

O então maior conflito da história também tinha inovações nos céus. No começo da guerra, os aviões – recente invenção, cuja patente era disputada entre os irmãos americanos Orville e Wilbur Wright e o brasileiro Alberto Santos Dumont – eram usados apenas como ferramenta de reconhecimento, indicando à artilharia e à infantaria as posições das tropas inimigas em terra. Mas, no fim de 1917, milhares de urubus de metal já sobrevoavam as principais cidades inimigas, lançando bombas incendiárias e espalhando o terror entre as populações civis, geralmente combatidos por aeronaves inimigas. A França dispunha do maior arsenal aéreo (mais de 1,1 mil aeronaves), seguida pela Alemanha (quase 800). Nos demais beligerantes, as forças nos céus existiam em número muito inferior: Inglaterra (166), Áustria (96) e Itália (58).

Mas voar e atacar ao mesmo tempo nem sempre foram coisas tão simples – e talvez por isso mesmo tenham demorado tanto a serem usadas de forma simultânea. No começo da guerra, o simples fato de atirar em direção aos inimigos que surgissem na parte dianteira das aeronaves era impossível, uma vez que entre a arma e o alvo havia uma hélice girando a altas rotações. A equação foi solucionada pelo piloto francês Roland Garros, que criou um sistema capaz de desviar os projéteis, a partir de placas de aço dispostas entre as hélices. De posse de um avião equipado com o método de Garros e abatido em combate, o holandês Anthony Fokker desenvolveu para os alemães um sistema de sincronização que interrompia o fogo das metralhadoras durante a passagem das hélices. Criado em 1915, o seu modelo Fokker E revolucionou a guerra nos

ares: enfim, os aviões conseguiam voar e atirar ao mesmo tempo, o que ajudava a explicar a carnificina que se seguiu também nos céus de França, Bélgica, Alemanha e Inglaterra.

Outra inovação unia-se aos aviões na guerra aérea. Os zeppelins – dirigíveis gigantes em formato de charuto, também inventados pelos alemães – levavam pavor às maiores cidades inglesas, especialmente Londres. Protegida pelo mar e por uma esquadra invencível, a Grã-Bretanha via sua segurança ameaçada pelas constantes incursões aéreas dos zeppelins, que deixavam no ar o medo de uma possível invasão alemã.

De 1915 até o final de 1917, os dirigíveis fizeram mais de 200 ataques sobre a ilha – até então considerada inexpugnável –, lançando 5,9 mil bombas, matando 528 pessoas e deixando 1.156 feridos. O primeiro, ocorrido na noite de 19 para 20 de janeiro de 1915, atingiu as cidades de Sheringham, Snettisham, King's Lynn e Yarmouth, matando quatro pessoas e ferindo 16. Mesmo com números relativamente modestos, o reide foi o prenúncio da tempestade de pólvora que atingiria o país.

Favorecidos pelas condições meteorológicas, que em geral lhes empurravam silenciosamente – sem serem detectados pela defesa aérea – para a ilha britânica, os zeppelins eram desligados quando próximos das cidades, especialmente de Londres, ou seja, exatamente em cima de seus alvos. Enquanto despejavam suas bombas, os pilotos dos caças ingleses corriam desesperadamente para as suas aeronaves. Mas, até que alcançassem a altitude de onde os dirigíveis estavam atacando, o inimigo já ascendera a outras alturas, escapando tranquilamente entre as nuvens e voltando ao continente em segurança. Em terra, as armas de artilharia disponíveis eram incapazes de disparar projéteis até a altitude em que navegavam os grandes charutos inimigos.

Três zeppelins – LZ3, LZ4 e LZ6 – participaram do ataque histórico de 1915. No dia seguinte, apesar da surpresa causada

pelas incursões aéreas, alguns britânicos conseguiram manter uma boa dose de humor diante do ocorrido, e o comentário mais comum nas cidades atingidas era que os dirigíveis "eram a maior sal-sicha" de que se tinha notícia até então.

Nos Estados Unidos, o ataque à população civil serviu como argumento de propaganda antigermânica, mesmo que o país, à época, ainda se mantivesse neutro. Em editorial, o *New York Herald* condenou a ação. "Terá sido a loucura do desespero ou apenas uma loucura cotidiana que fez com que os alemães escolhessem locais pacíficos e indefesos da costa oriental da Inglaterra para atacar? Que espera a Alemanha ganhar com esses ataques desumanos contra lugares indefesos? Com certeza não será impressionar bem os povos das nações neutras."

Já em Berlim, os jornais garantiam que as incursões haviam atingido somente "lugares fortificados". E muitos patriotas exaltavam a invenção do Dr. Hugo Eckener, gerente da Luftschiffbau Zeppelin, "o gênio alemão que finalmente acabou com a lenda da invulnerabilidade insular da Inglaterra. Não mais ela está protegida pelo mar".

Nos oceanos, a aposta germânica para tentar neutralizar a imensa frota britânica eram os submarinos de guerra. Como defesa para os seus navios mercantes, responsáveis pelo transporte de suprimentos oriundos de outras regiões do planeta, os aliados se utilizavam do sistema de comboios, escoltados por vasos de guerra capazes de fazer frente aos submersíveis.

Em terra, além dos devastadores arsenais inimigos, os soldados enfrentavam privações e provações nunca vividas em outros tempos de beligerância. A fome passou a ser companheira invisível em quase todas as frentes. No Oriente, os soldados ingleses chegavam a sacrificar 20 cavalos por dia para alimentar as tropas. A carne equina era servida por vários dias consecutivos, na forma de sanduíches, pastéis, bifés e sopas. Drama semelhante se repetia na

frente russa. Mais do que o frio extremo, a falta de mantimentos tornou-se corriqueira na região. Famintos, os soldados do Império Russo não hesitavam em sacrificar seus cavalos ou mesmo em apelar para cães e gatos que porventura aparecessem nas áreas de combate.

AS DECLARAÇÕES DE GUERRA EM 1914

- 28/7 – Império Austro-Húngaro à Sérvia
- 1/8 – Alemanha à Rússia
- 3/8 – Alemanha à França
- 4/8 – Alemanha à Bélgica
- 4/8 – Grã-Bretanha ao Império Austro-Húngaro
- 5/8 – Montenegro ao Império Austro-Húngaro
- 6/8 – Áustria à Rússia
- 6/8 – Sérvia à Alemanha
- 8/8 – Montenegro à Alemanha
- 12/8 – França ao Império Austro-Húngaro
- 12/8 – Grã-Bretanha ao Império Austro-Húngaro
- 23/8 – Japão à Alemanha
- 25/8 – Japão ao Império Austro-Húngaro
- 28/8 – Áustria à Bélgica
- 4/11 – Rússia ao Império Turco-Otomano
- 4/11 – Sérvia ao Império Turco-Otomano
- 5/11 – Grã-Bretanha ao Império Turco-Otomano
- 5/11 – França ao Império Turco-Otomano

No front europeu, a situação não chegava a esse extremo. Barbudos, sujos e ensanguentados, os soldados sobreviviam às semanas de tédio em batalhas sangrentas – mas de poucos avanços – graças a provisões enlatadas.

A falta de comida também era realidade entre as populações civis. Fugindo dos combates, milhares de pessoas de dezenas de nacionalidades migravam em todas as direções, procurando manter-se longe do front. Depois de abandonarem os seus lares, nos campos e nas estradas enfrentavam a fome, o frio, a sede e a incerteza sobre o futuro.

Para os civis que permaneciam no caminho das tropas, a guerra se desenhava ainda mais cruel. Em áreas ocupadas da França, os alemães saqueavam o que encontravam pelo caminho – dos cofres às adegas, nada permanecia incólume.



Nos países em guerra, a propaganda era considerada uma arma essencial, não só para manter elevado o moral das tropas, como para buscar simpatias entre as nações neutras. Além de não se incentivar o derrotismo, a ideia era disseminar o otimismo e fortalecer o sentimento de que se estava lutando do lado certo, do lado do bem – na luta do bem contra o mal, o representante das trevas estava sempre do outro lado da trincheira. Assim, as notícias que partiam das agências inglesas, francesas e russas eram sempre carregadas de parcialidade e termos ofensivos e depreciativos aos inimigos. O mesmo, evidentemente, se dava na Alemanha e na Áustria-Hungria. Entre os britânicos e franceses, os inimigos – especialmente os alemães – eram classificados como os novos bárbaros, e o kaiser Guilherme II, comparado a Átila, o Huno.

Do outro lado, o governo e a imprensa colocavam a Alemanha como alvo da calúnia de seus adversários. Em jornais e cartazes, os alemães faziam comparações entre os beligerantes, a partir de dados sociais, econômicos e culturais como saneamento, renda per capita e analfabetismo, cujos números apontavam para uma supremacia germânica. Ironicamente intitulado "nós, os bárbaros", o quadro comparativo procurava mostrar que, apesar do seu "barbarismo", os alemães eram superiores aos inimigos em diversas variáveis indicativas de desenvolvimento e grau de civilização.

Nos jornais brasileiros, que na grande maioria preenchiam suas páginas com notícias do front redigidas por agências francesas e britânicas, a ideia do barbarismo germânico já estava plenamente disseminada. Neste filme em preto, branco e vermelho-sangue, os teutônicos eram os vilões, e os aliados, os mocinhos. Três fatores principais contribuía para a maior afinidade do Brasil com os aliados: a influência francesa sobre as elites culturais e econômicas brasileiras, a aproximação diplomática entre o país e a França, e admiração dos governantes nacionais – desde os tempos do Império – aos modelos e à organização britânicos.

Mas havia quem externasse pensamentos opostos aos jornais pró-aliados. Mesmo em menor número do que os rivais, alguns jornais que circulavam por regiões de colonização alemã, especialmente no sul do país, aproveitavam o fato de, em 1917, o governo ainda manter-se oficialmente neutro para defender abertamente suas ideias pró-teutônicas.

Dentro desta verdadeira guerra de papel, em Roma os diretores dos principais jornais italianos lançaram um pacto para que todos os diários com sede nos países aliados, inclusive nos Estados Unidos, não publicassem sistematicamente boas notícias relacionadas à Alemanha e à Áustria-Hungria, adotando o que, segundo eles, vinha sendo praticado pelos veículos alemães e austro-húngaros desde o começo da guerra. A Itália, que antes do conflito

mantinha uma aliança com a Alemanha e a Áustria-Hungria, inicialmente declarou-se neutra no conflito, até migrar definitivamente de trincheira em 1915, declarando guerra aos antigos parceiros austro-húngaros diante da promessa dos aliados de que, em caso de vitória, recuperaria antigos territórios. Em 1917, a bota do Mediterrâneo empenhava-se para tentar pisotear o inimigo também no campo da propaganda.



Depois de mais de três anos de batalhas em todo o continente, o ingresso de um elemento externo aos limites europeus podia se tornar decisivo para o conflito. Desde a entrada dos Estados Unidos, ao lado de franceses e ingleses, esperava-se que a guerra se encaminhasse para uma definição.

Embora em abril de 1917, quando declararam guerra à Alemanha, os norte-americanos contassem com apenas 135 mil despreparados soldados, a mobilização que resultou na criação da Força Expedicionária Americana trouxe novo ânimo aos aliados, desenhando-se como um possível fiel da balança para o resultado da Grande Guerra. Exaustos, os dois lados equilibravam-se no campo de batalha, sem apresentar argumentos bélicos capazes de pôr fim às hostilidades. O contingente de soldados que acabara de chegar das Américas em 3 de junho de 1917 era liderado pelo general John Pershing, conhecido por comandar a intervenção americana no México contra o revolucionário Panchovilla. Inicialmente com apenas 90 mil homens, mas com promessa de 1,5 milhão a partir de 1918, ele podia selar o rumo do embate e confirmar o surgimento de uma nova potência mundial: os Estados Unidos. O país americano, aliás, também recebia em suas fileiras reforços de outras nações. De Cuba, seriam enviadas companhias de arti-

lharia, que, antes de embarcar para a Europa, seriam treinadas por oficiais americanos.

Aos poucos, alguns países latino-americanos também foram aderindo à causa aliada. No México e na Colômbia, manifestações populares demonstravam apoio à Tríplice Entente. No Uruguai, a Chancelaria recebeu de El Salvador, Nicarágua e Equador respostas calorosas à mensagem telegráfica na qual informava, dias antes, o rompimento de relações diplomáticas com a Alemanha. Em 1917, a campanha para arrecadação de fundos em favor da Cruz Vermelha Britânica levantou, em Montevideú, mais de 10 mil libras esterlinas.

O apoio aos britânicos também vinha de aliados históricos. Em meio à guerra, depois de visitar o presidente de Portugal, Bernardino Machado, na Legação Portuguesa, o rei Jorge V e sua comitiva seguiram juntos com o visitante e seus assessores para um almoço no Palácio de Buckingham. No trajeto, realizado em três carruagens, a majestade britânica e o líder português receberam entusiasmadas demonstrações de simpatia por parte de populares londrinos.

A amizade entre ingleses e portugueses vinha de séculos. Em 1808, pouco mais de cem anos antes da guerra, a espetacular fuga da família real portuguesa para o Brasil, diante da iminente chegada das tropas do conquistador francês Napoleão Bonaparte, deu-se graças à cobertura militar proporcionada por navios britânicos.

Apesar de a luta seguir equilibrada no nordeste da França, os aliados mostravam-se cada vez mais confiantes na vitória. Em artigo publicado em um jornal francês, o ex-primeiro-ministro do país, Georges Clemenceau, desafiou os inimigos, afirmando que, "enquanto os alemães se batem encarniçadamente, ao mesmo tempo falam de paz, porque a desejam, visto sentirem as suas energias esgotarem-se progressivamente". Para Clemenceau, a retórica também era adotada porque essas propostas de paz, "disseminadas

entre as multidões submetidas pela guerra a tão terríveis provas, parecem o mais seguro modo de abalar o moral do adversário". O líder francês encerrava o artigo com nova provocação: "o inimigo não nos conhece".

Além do suposto enfraquecimento alemão, a maior razão para a confiança dos franceses, indubitavelmente, era a chegada dos americanos ao campo de batalha. Junto com o apoio militar, os países da Tríplice Entente já vinham recebendo auxílio financeiro americano. Em outubro de 1917, o governo do presidente Woodrow Wilson anunciou a concessão de novos empréstimos aos países aliados. A Grã-Bretanha recebeu US\$ 5 milhões, enquanto o aporte à França foi de US\$ 20 milhões. O maior volume foi cedido aos russos – nada menos do que US\$ 50 milhões. Para a Bélgica, o financiamento foi de US\$ 3 milhões. Entre 1914 e 1917, os Estados Unidos emprestaram aos aliados a bagatela de US\$ 2,711 bilhões de dólares.

AS PRINCIPAIS FORÇAS EM 1914, NO COMEÇO DA GUERRA

| Front | País | População | Soldados | Coura- çados | Cruza- dores |
|-------------------|------------------|-------------|------------|-----------------|-----------------|
| Aliados | França | 40 milhões | 4 milhões | 28 | 34 |
| | Grã-Bretanha | 45 milhões | 1 milhão | 64 | 121 |
| | Rússia | 164 milhões | 5 milhões | 16 | 14 |
| | Itália* | 35 milhões | 1,2 milhão | 14 | 22 |
| | Estados Unidos** | 92 milhões | – | 37 | 35 |
| Impérios Centrais | Alemanha | 65 milhões | 5 milhões | 40 | 57 |
| | Áustria-Hungria | 50 milhões | 3 milhões | 16 | 12 |

* Neutra até 1915. ** Neutros até 1917



Antes mesmo do desembarque de seus soldados no front europeu, junto com o apoio financeiro os Estados Unidos também se empenhavam na tarefa de dificultar a chegada de provisões aos Impérios Centrais. A Repartição do Comércio de Guerra passou a exigir, de todos os exportadores, garantias de que as mercadorias que saíam do território americano não seriam enviadas aos inimigos, nem vendidas sem prévia licença do cônsul dos Estados Unidos nos países de destino.

Em discurso em 1917, o primeiro-ministro britânico, David Lloyd George, deixou claro que o corte de suprimentos aos inimigos era uma das estratégias essenciais dos aliados para garantir a vitória no conflito. Segundo ele, a possível contribuição de países como Brasil, Guatemala e Peru ao front aliado iria desequilibrar ainda mais a disputa. "Ainda que a máquina militar alemã pudesse vencê-la – o que não se dará –, essa federação de povos livres pode, boicotando a Alemanha, reduzi-la à impotência e à desolação, e esses povos o farão, se preciso for."

Naquele momento, Lloyd George defendeu que os aliados deviam "permitir à Rússia que se refaça e à América que conclua sua preparação". Em seguida, alertou para uma "ofensiva de nova espécie" iniciada pelos inimigos:

Cultivemos entre nós a resistência e a firmeza que sabem aguardar o bom êxito. Fechemos os olhos aos que pregam as intrigas. Na França, perceberam-no a tempo. Os alemães tentaram dividir a nossa força. Tentaram semear na América, na Itália e na Rússia a desconfiança contra a Inglaterra. Bem quiseram eles semear a cizânia na própria Inglaterra. Fiquemos firmes e venceremos. A

Alemanha especulou com a intriga entre os aliados. Tenho a felicidade ao declarar que os aliados trabalham neste momento na maior harmonia, e não há entre eles sobra de dissídio.

No mesmo discurso, Lloyd George também comentou as dificuldades financeiras enfrentadas pelos países envolvidos na guerra, especialmente os britânicos. "Gigantesco é o encargo do custeio da guerra. É pesado hoje e será amanhã", sentenciou o líder inglês, antes de prosseguir:

Entretanto, confortam-nos dois ou três pensamentos bem dignos de nós. A Grã-Bretanha ficará mais consolidada do que nunca, não por ter dilatado o seu território, mas por ter aumentado a eficiência do povo e a segurança das suas costas. A prosperidade do país depende menos de seus recursos naturais do que do vigor e da energia do seu povo. A este respeito, o valor da Inglaterra está enormemente aumentado e fortalecido pela consciência de que fizemos uma guerra justa.

Apesar da seriedade do assunto, Lloyd George ainda conseguiu sorrir e arrancar risos dos ouvintes, quando abordou a interminável busca de recursos para o financiamento da guerra. "A maior parte dessa dívida gigantesca será contraída conosco mesmos. A Inglaterra está diariamente pedindo dinheiro a seus filhos. A dívida ficará, pois, em família", brincou.

Entretanto, o ponto alto do discurso se deu quando, em tom mais sério, o chefe do gabinete previu a continuação do conflito por tempo indeterminado. No momento, mais do que encerrar a guerra, disse ele, o objetivo britânico era construir a paz em bases que pudessem ser mantidas, e não que acabassem por resultar em novo conflito armado – e ainda mais sangrento – logo adiante:

Não profetizei o fim da guerra. É certo que ninguém de bom senso prolongaria o conflito por uma hora se houvesse oportunidade para assinar uma paz duradoura, mas, note-se, uma paz duradoura, não uma paz que fosse o prelúdio de nova e mais devastadora guerra. Como bem imaginais, tenho perscrutado ansiosamente os horizontes e nele não vejo sinal algum que nos possa levar à paz duradoura. Lamento que as únicas condições de paz atualmente sejam as que nos levariam a uma trégua armada, que terminaria em uma luta ainda mais terrível. Esta guerra horrível, entre todas e em si mesma horrível, é ainda mais terrível pelas novas possibilidades que ela revelou de novos horrores em terra, no mar e no ar.

Aos que poderiam desejar uma paz prematura, se alguém existe entre vós, peço para refletir um momento no que poderia acontecer se fizéssemos acordos não satisfatórios, se os mais poderosos científicos de todos os países, estimulados pela rivalidade nacional, pelo ódio nacional e pelas aspirações nacionais, devotassem as suas energias durante 10, 20, 30 anos para aumentar o poder destruidor desses agentes terríveis.

Sob aplausos, Lloyd George prosseguiu com sua profecia de uma guerra ainda mais letal que poderia advir de um acordo de paz que não trouxesse justiça aos envolvidos no conflito mundial:

O poder aéreo, que na fase inicial era simplesmente de caráter informativo, desenvolveu completamente todos os elementos químicos que pela primeira vez têm sido utilizados. Se isto tiver de repetir-se depois de 30 anos de trabalho e aplicações científicas, acreditai-me, há homens e mulheres neste recinto que assistirão à morte da civilização. Conflitos desta natureza devem acabar agora, porque é essencial para o bem-estar da raça humana que a força bruta termine com esta guerra, a fim de que

os nossos filhos não sejam condenados aos horrores e terrores que mesmo a mais vívida imaginação possa figurar. É por isso que nos esforçamos para atingir o termo justo deste conflito.



Alheia aos discursos de gabinete, Reims, no norte da França, sentia na carne os horrores da guerra química mencionada por Lloyd George. Imersa em um constante bombardeio no qual os projéteis choviam dos dois lados, a população habituou-se a um novo tipo de vida. O drama da "infeliz cidade" foi narrado em detalhes em uma crônica assinada pela Madame C.L. Remy no jornal *Correspondant*:

Os habitantes de Reims vivem em subterrâneos, às vezes até em segundos subterrâneos. Freguesias inteiras transportaram-se para as enormes adegas pertencentes aos fabricantes de champãgne, onde se acomodaram como puderam. Além disso, existem as adegas particulares, onde colocaram colchões, cobertas de cama, boas poltronas confortáveis. Pelos respiradouros, saem os tubos fumegantes dos fogões. Toda a vida da cidade se refugiou no subsolo.

Até foram uma noite surpreendidos pelos gases asfixiantes, os desgraçados dos habitantes de Reims. Fizeram o conhecimento dos obuses alemães que passavam com misteriosos silvos, sem apreciável estrondo, mas derramando os gases lacrimogêneos e asfixiantes. Pela primeira vez foi necessário pôr as máscaras a toda pressa. As pobres velhinhas tiveram de se familiarizar com estes instrumentos de suplício e assim ficaram todas durante duas horas nas adegas inferiores, onde quase não havia ar.

Quando acabou o bombardeio, muitas pessoas quiseram sair para respirar mais livremente. Mas enquanto vagavam pelas

ruas afora, sem máscaras, sentiam de repente picadas nos olhos, a garganta apertada, os brônquios comprimidos. Então subiam para os andares mais altos das casas, quanto mais alto podiam chegar. Precipitavam-se tossindo e chorando para as janelas, a fim de escapar à asfixia. Infelizmente, os gases deletérios estavam tanto em cima quanto embaixo. E as correntes de ar não conseguiam acalmar a irritação dos brônquios e das mucosas.

Abafava-se durante a noite e alguns pobres velhos circulavam entre os desgraçados que tossiam e gemiam, oferecendo-lhes pastilhas, como se se tratasse de uma tosse vulgar. Queria se respirar ar fresco e não se encontrava senão essa atmosfera sufocante.

De repente, anuncia-se outra onda formidável de gases asfixiantes. Todos correm a fechar as aberturas sem se lembrar que as casas já se achavam cheias de gases. E depois, tendo colocado de novo as máscaras, resignaram-se a acabar a noite passeando pelas ruas. E em meio de toda esta tristeza e horror, na sua cidade em ruínas, a pobre população de Reims está resistindo. Todas as manhãs percorre a cidade para constatar os estragos que uma noite de bombardeio produziu.

Nos mercados os vendedores e, sobretudo, as vendedoras obstinam-se em continuar os seus negócios. Uma dezena de casais de vendedores tinha-se instalado nos subterrâneos do mercado. "Quando há bombardeio durante o dia, desce-se logo cá para baixo", dizem eles. "De noite também se está muito bem aqui. Cada qual tem o seu compartimento particular que parece mesmo um quarto: com colchões colocados sobre caixas e muitas cobertas de lã. Não se tem frio nenhum."

Os habitantes de Reims não perdem o ânimo. Cada novo desastre arranca-lhes gritos de indignação, mas o que mais os desconsola é a mutilação metódica de sua admirável catedral. Cada dia traz com ele novas destruições. Cada noite, novos transes. As ruínas juntam-se às ruínas e eles têm de assistir, impotentes, à agonia da infeliz cidade.